



NADA SERÁ COMO ANTES? AS TRANSFORMAÇÕES NO JORNAL NACIONAL

Talita Lima Chechin Camacho Arrebola¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias híbridas de comunicação da voz e a presença dos jornalistas na apresentação do telejornal *Jornal Nacional da Rede Globo* mediante os processos de hibridização das linguagens, a partir das mudanças ocorridas em 27 de abril de 2015, em trechos relevantes nos quais se expuseram que relataram esses fenômenos. No entanto as alterações nos processos comunicacionais não promoveram modificações substanciais no plano discursivo do telejornal. Com as transformações na apresentação do *Jornal Nacional*, os profissionais passaram a valorizar a presença do corpo, além de, reinventar-se junto às tecnologias emergentes, mantendo ou refazendo o vínculo com seu público.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornal Nacional. Presença. Voz. Telejornalismo.*

ABSTRACT: The objective of this work is to analyze the hybrid communication strategies of the voice and the presence of the journalists in the presentation of the Rede Globo's *Jornal Nacional* da through the processes of hybridization of languages, starting from the changes occurred on April 27, 2015, in relevant sections. However, the changes in the communicational processes did not promote substantial changes in the discursive plan of the telejournalism. With the changes in the presentation of the *Jornal Nacional*, professionals began to value the presence of the body, in addition to reinventing itself with emerging technologies, maintaining or re-establishing the bond with its public.

KEYWORDS: *Jornal Nacional. Presence. Voice. Telejournalism.*

¹ Mestre em Comunicação e Semiótica e Doutoranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. E-mail: talita.arrebola@hotmail.com

Introdução

O *Jornal Nacional*, da Rede Globo, telejornal mais assistido do Brasil, além de ter espaço, poder e hegemonia nos meios de comunicação, com o passar dos anos, e até hoje, ocupa um lugar de referência no país. Em 27 de abril de 2015, altera sua maneira de apresentação: como novidades principais, os profissionais passam a movimentar-se pelo cenário, usam linguagem coloquial e as câmeras se deslocam produzindo enquadramentos não convencionais; fato inesperado para um programa marcado por valores e padrões conservadores.

O telejornal da Globo é o mais antigo e está entre os principais telejornais brasileiros, uma vez que, desde 01 de setembro de 1969, emite sinal a todo o país. É um dos programas de maior influência da televisão, em termos comerciais, e também de impacto e credibilidade. No entanto, com o passar dos anos, ocorreram alterações estéticas e comportamentais, além de se inserirem equipamentos, tecnologias e recursos que impactam os processos de produção, reportagem e apresentação dos programas.

Os telejornais e seus profissionais foram gradativamente se libertando das origens do rádio e assumindo uma identidade própria na maneira de narrar e apresentar seus conteúdos. Dessa forma, os vários grupos empresariais nacionais e internacionais buscaram alternativas para aproximar-se do público que o acompanha, mantendo-o atento. Nessa trajetória transformaram a voz e a presença dos apresentadores, independente das mudanças de cenário e vestuário, mas principalmente nas alterações comportamentais na apresentação dos programas. No entanto, mantiveram os mesmos padrões de apresentação dos últimos 50 anos.

Para Arlindo Machado (2006, p. 22), o “*Jornal Nacional* transforma o improvisado e a descontração, próprios da linguagem televisiva, numa ficção destinada a dissimular a eficiência de uma mensagem altamente controlada”. Nesse novo momento de mudança em 2015, o programa sofreu alterações, passando a movimentar as câmeras como nos filmes e novelas e a valorizar a dramatização e a ficção das notícias apresentadas.

Os apresentadores levantam-se e caminham pelo estúdio ao chamar repórteres ao vivo, o que remete a uma tentativa de implantar ou ampliar um vínculo de intimidade com os profissionais, que, todos os dias, “entram e saem” de sua casa e, por volta das 21 horas,

encerram o telejornal com o “Boa Noite”.

Além disso, “o novo visual dos telejornais da Globo encarna um arsenal de recursos tão sofisticados que chega a surpreender o grande controle do veículo demonstrado pela equipe que o concebeu” (MACHADO, 2006, p. 22). Com a emergência das transmissões em alta resolução, a conectividade e as múltiplas telas possibilitam a consolidação da imagem de ‘superautoridade’, que o programa busca garantir em seu mercado.

O telejornal, com o contexto da mudança em 2015, reformulou suas estratégias comunicacionais, potencializadas pela tecnologia emergente, demonstrou ser um telejornal “atualizado”, com o uso de telas interativas, transmissões nacionais e internacionais ao vivo (figura 01), além da alteração do comportamento dos apresentadores, pois eles passaram a deslocar-se, a emitir opiniões, a usar gírias, mesmo com atitudes performáticas acompanhadas pela leitura do roteiro no teleprompter.

FIGURA 01: Apresentação do *Jornal Nacional*



Entrevista internacional, com a tela interativa e os apresentadores em pé, em 27 de abril de 2015.

Fonte: Reprodução da Tv.

Essas modificações pretendem estreitar o elo entre o público e o apresentador. Machado (2000) diz que a televisão dissemina ideias, fatos e acontecimentos e que é dessa maneira que o telejornal funciona como um instrumento de mediação simbólica, no qual vem constantemente passando por transformações para realizar essa tarefa, pois envolve a seleção e interpretação das notícias.

No entanto, a ruptura dos padrões de um telejornal austero, veloz e muito formal transformou o comportamento dos apresentadores que passaram a sorrir, usar comentários íntimos, na tentativa de se tornar pessoas comuns, com sentimentos e humanizadas. Porém, essas atitudes mesclam a formalidade com informalidade de quem “entra em sua casa” todas as noites, e já tem a flexibilidade de usar gírias e conversar com menos formalidades, mesmo que o assunto seja extremamente sério.

Essas modificações marcam o telejornal com inovações tecnológicas e de comportamento e possibilitam atualizações do fazer jornalístico, o que desafia a credibilidade, fidelidade e identidade do telespectador com o *Jornal Nacional*. A tentativa é reestruturar a linguagem, os recursos tecnológicos e o estabelecimento de diferentes formas de apresentação do programa; no qual produz processos hibridizados, que segundo Lucia Santaella (2010), é a interconexão dos espaços físicos com os virtuais, em que ocorre a mistura dos elementos diversos para a formação de novas informações compostas.

Assim, na tentativa de modificação dos processos híbridos da voz e da presença dos apresentadores, acontecem as transformações das relações com as redes sociais na busca de outra realidade e no direcionamento para situações limítrofes e fronteiriças. Esses pontos mutantes são proporcionados tanto por mudanças reais como por pseudoalterações produzindo-se desvios e ruídos no *Jornal Nacional* ao repaginarem-se as linguagens.

Ao incorporarem a ideia de transformações, as mudanças no programa agem na tentativa de manter e, ao mesmo tempo, reformular a imagem de autoridade, hegemonia, padrão que carrega desde sua primeira edição. Esses processos se inserem na ideia de extremidades, pois o programa está no campo limítrofe de ressignificação das áreas de ação, ideia a respeito da qual Mello (2016) escreve.

“A ideia de extremidades é embasada enquanto ‘caminho de leitura’, em direção à articulação entre campos não oponentes, mas complementares. E utilizada como atitude de olhar para as bordas, observar as zonas limites, as pontas extremas, interconectadas em variadas práticas”. (MELLO, 2016, p. 124).

Ao interpretar as notícias e os textos audiovisuais, o telejornal revela pontos de

extremidade que tentam desconstruir sua linguagem engessada e formal, historicamente pré-estabelecida; contaminam os cenários pela movimentação e comportamento dos apresentadores; e compartilham a tentativa de estar presentes com seu conteúdo jornalístico nas múltiplas telas.

Consequentemente, as recentes mudanças produzidas pelas emergentes tecnologias de comunicação introduziram diferentes possibilidades de tratamento da imagem e alterações significativas no processo de produção e consumo de informações televisuais. No ato de “conversar” e usar gírias os apresentadores acionam estratégias híbridas de comunicação na tentativa de estabelecer familiaridade com o público e obter sua fidelidade.

Dessa forma, a presente pesquisa considera as transformações da voz e da presença dos apresentadores, a partir da configuração do perfil de apresentação do conteúdo jornalístico; além de questionar como a emergência tecnológica alterou a produção de sentido e identificar as interferências produzidas pelos processos de hibridização na apresentação do telejornal.

Nessa realidade, a comunicação e a experiência contemporâneas possuem lugar nas fronteiras, atravessam espaços sociais e linguagens midiáticas. Portanto, a abordagem crítica das extremidades atua como um tradutor sensível no reconhecimento das configurações da voz e da presença na apresentação do *Jornal Nacional*.

Jornal Nacional e a abordagem das extremidades

O processo de transformação da voz e da presença na apresentação do *Jornal Nacional* ocorreu concomitante com a emergência de estratégias tecnológicas e comunicacionais que levaram a alterar a maneira de apresentar o telejornal, mantendo, no entanto, as características pautadas e extremamente planejadas desde sua primeira edição.

Os receptores, que estão cada vez mais conectados com as redes sociais, podem ter a pseudossensação de que estão presentes em quase todos os lugares; pois após as emergências tecnológicas e as mudanças de voz e de presença dos profissionais, na apresentação do telejornal, dão a impressão de estar consumindo um produto exclusivo. Portanto, as alterações na produção e consumo resultaram em novos hábitos,

estabelecendo processos de convergência entre as mídias, com interconexões entre a programação das redes de televisão e as redes sociais.

Assim, a voz e a presença dos jornalistas nas apresentações do *Jornal Nacional* fazem parte de um processo contínuo de transformação social, ao acompanharem o desenvolvimento tecnológico; produzindo novas linguagens e formatos, na tentativa de gerar outras experiências de sociabilidade e consumo.

O sistema híbrido de linguagem do atual perfil do *Jornal Nacional* produz alterações na voz e na presença dos profissionais ao dar a ilusão de cruzamento dos conteúdos do telejornal, resultantes de uma série de transações formais e informais da convergência midiática, uma vez que o uso das redes sociais e da emergência tecnológica são a marca dessas mudanças.

Estas vêm ocorrendo na estrutura do *Jornal Nacional*, nos últimos anos, reforçou as possibilidades de haver ilusão de intimidade com os telespectadores. Nessa realidade, os profissionais passaram a estar mais presentes nas redes sociais, buscando “estretar” os laços de intimidade, estrategicamente planejados.

Há tentativa de ressignificar as linguagens, tornando-as uma estratégia híbrida de comunicação apta a dar sentido à voz e ao comportamento dos jornalistas do *Jornal Nacional*. Sua análise deve ocorrer a partir de um conjunto de relações que compartilham as múltiplas interferências do processo, as quais, por sua vez, remetem à ideia de extremidade, ou seja, a maneira de olhar para as bordas, de observar as zonas limites, as pontas extremas, descentralizadas das linguagens clássicas, além das interconexões.

Os processos de ressignificação se inserem no signo das extremidades, permitem outras possibilidades de identificar as áreas de ação e conduzem a novas extremidades não como antagonismo das bordas, mas como extremos que se conectam. O signo da extremidade se coloca como uma nova configuração do olhar; “outros modos de observar a experiência contemporânea, em suas tensões e ambivalências. Desse modo, reexaminá-la, significa abri-la a uma maior diversidade” (MELLO, 2016).

Baseado em tais ressignificações, a autora define extremidades como

crítica decorrente da análise de processos artísticos e midiáticos, bem como das relações estabelecidas entre eles, dando ênfase à produção experimental. Tem como princípio as ações limítrofes entre linguagens (MELLO, 2017).

O uso da abordagem das extremidades é como uma leitura e uma interpretação, com base nas quais se busca refletir sobre em que aspectos a observação dos processos fronteiriços entre linguagens contribui para a formulação de análises que apontam para o lugar das diferenças, da multiplicidade e da singularidade (MELLO, 2017), razão por que se empreende ressignificar a voz e a presença, no *Jornal Nacional*, a partir da implantação do novo formato de apresentação.

A abordagem crítica das extremidades, segundo Mello (2008), inspira-se no campo das intervenções midiáticas e tem como referência o termo metafórico derivado da Medicina Oriental e de seus métodos terapêuticos: acupuntura, reflexologia e do-in. Esse campo baseia-se nas interconexões dos pontos cutâneos extremos do corpo com todos os elementos de um mesmo organismo na busca do equilíbrio.

A partir das dobras entre micro e macro campos, entre procedimentos poéticos que inter-relacionam práticas sociais e artísticas. Verificam-se, assim, novos processos de descentralização dos circuitos e linguagens midiáticas e as potencialidades criativas ampliadas com essas relações. Segundo esse ponto de vista, não é a produção artística o objeto privilegiado da análise, mas o perfil de suas práticas e contextos, bem como as inter-relações entre forma estética e experiência social (MELLO, 2016, p.134)

As extremidades, quando abordadas pela comunicação tratam da observação do campo da percepção da sensorialidade e incessante contaminação e transformação. Com isto o signo das extremidades se faz presente no cotidiano concreto. Trata-se da percepção da continuidade do problema de ordem pública relacionada a situações limítrofes (MELLO, 2004), como é o caso da quebra de padrão da apresentação do *Jornal Nacional* que, no final de abril de 2015, modificou a voz e a presença na apresentação do telejornal.

Para que se possa ler o produto audiovisual do telejornal, a partir das extremidades, utilizam-se os três processos: desconstrução, contaminação e compartilhamento; são circunstâncias propiciadoras de lugar a múltiplas formas de interferência nas proposições, que interligam repertórios sem, necessariamente, enfatizar o contexto audiovisual e suas singularidades. Essas manifestações refletem estratégias sensíveis, cujos significados principais são adjacentes à própria produção da imagem eletrônica, estratégias que objetivam suas relações processuais e interdisciplinares

(MELLO, 2016).

Articuladas pelos procedimentos da desconstrução, contaminação e compartilhamento a leitura das extremidades busca contribuir, portanto, para a análise de fenômenos em constante transformação, trazendo, com isso, dimensões plurais da experiência contemporânea (MELLO, 2016, p. 125).

Mello (2016) entende que o procedimento de desconstrução é uma maneira de análise que desmonta um significado para obter outro. Este, por sua vez, assinala que a inquietação com a realidade se dá pela experiência sensorial, e o processo de descoberta sendo dimensionado como campo de testagem e experimentação, ao passo que a contaminação busca as relações de troca como potencializadoras por força do contágio. As operações criativas geralmente partem de uma problematização, provocada por um determinado contexto, e se associam a outras. O compartilhamento é a ponta mais extrema e descentralizada, e a transformação se dá de um formato em outro. Este, como agenciador de uma proliferação de significados, diz respeito tanto às transformações criativas nos ambientes colaborativos das redes sociais como aos modos de circulação da imagem, som e escrita nos arquivos digitais e bancos de dados.

187

1.1 Desconstrução no *Jornal Nacional*

A ruptura com a linguagem “canônica” do telejornalismo reflete a ilusão de um processo de “quebrar” para reconstruir o modo de compreender a voz e a presença no telejornal, ampliando as potencialidades discursivas do próprio meio. Mello (2008) explica:

A desconstrução do vídeo é um procedimento criativo em que há a interação consciente de desmontar a linguagem videográfica, desmontar um tipo de contexto midiático ou uma imagem. Relaciona-se a um momento de saturação dos meios tradicionais da produção da imagem e som, criando interferências intencionais no seu campo de circulação. Com essas interferências as práticas artísticas com o vídeo em um primeiro momento negam o seu caráter preexistente da linguagem, para logo em seguida afirma-la sobre novas circunstâncias criativas. Tais processos desestabilizam as formas convencionais de produção do signo eletrônico e transitam em torno do deslocamento poético dos sentidos. (MELLO, 2008, p. 115)

Com as transformações tecnológicas e mercadológicas da voz e a presença dos apresentadores buscou-se criar uma “teia” de interações com os cenários e com a forma

de recepção do programa, de seus apresentadores e telespectadores. Nessa forma de contato com o telejornal, os profissionais que ocupavam uma posição central/ “estática”, produzindo uma sensação de credibilidade “militar”, passaram a movimentar-se pelo estúdio. Essa e outras modificações procuram dissimular uma facilidade da compreensão dos relacionamentos “construindo e reconstruindo” seus vínculos.

O processo de desconstrução da voz e da presença na apresentação do Jornal Nacional surge um conjunto de situações como a popularização da *internet*, que ocorreu gradativamente com a implantação das redes sociais, a movimentação dos jornalistas pelo cenário, durante a apresentação e a implantação das tecnologias emergentes, o que ficou marcado na semana de 20 a 24 abril de 2015, quando o *Jornal Nacional*, em suas edições, relembrou e comemorou os 50 anos da Rede Globo.

Na sequência, em 27 de abril de 2015, o programa apresenta alterações com um discurso, que dá a impressão de haver modificado toda a linha editorial. Na realidade, as alterações se restringiram a movimentações dos profissionais pelo cenário, a entrevistas com repórteres em outras localidades, dando aos telespectadores a sensação de que estão no mesmo local; a encerrarem a edição levantando da bancada, se despedindo do público e saindo de cena como se saíssem da televisão; e ainda ampliam os laços com o uso das redes sociais do telejornal remetendo a uma ideia pautada, hierarquizada, com agilidade, movimento, proximidade e presença junto aos receptores.

Fato que representa uma mudança capaz de estimular os telespectadores, alterando seus comportamentos. Para Jenkins

se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores não são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. (JENKINS, 2009, p.46).

Além desses fatos, que ocorrem no novo contexto digital, as tecnologias permitem não só a globalização, mas também a multiplicação de espaços locais. Nestes, os dispositivos midiáticos dispõem de distintas linguagens imagéticas, fonéticas e culturais, para falar a mesma “língua” que o seu público e, assim, atraí-lo mediante uma

oferta infinita de conteúdos.

A *internet* transformou a maneira de assistir televisão, graças à conexão permanente e à popularização de celulares, *tablets* e computadores móveis, objetivando, com isso, aproximar as pessoas e possibilitar a conexão dos conteúdos da televisão, a qualquer hora e em qualquer lugar, em virtude do que, ampliaram-se as possibilidades de acesso dos telespectadores e do vínculo com o *Jornal Nacional*, dando, dessa forma, ao público a ilusão de estar a par de todos os assuntos.

Para Heidi Vargas (2015), o *Jornal Nacional*

ainda ocupa um lugar central na sociedade brasileira de mediação dos fatos e para a construção social da realidade que vivemos. Para muitos, o telejornal é um lugar de referência, pois a informação é uma forma de conhecimento e pode balizar as atitudes da sociedade. O poder do jornalismo está em como se constrói o conhecimento e o produz (VARGAS, 2015, p. 5)

As novas formas de consumir televisão levam a mudanças na produção do conteúdo televisivo com a valorização da transmissão ao vivo, além das experiências adquiridas pelo contato com as informações do telejornal, proporcionadas pela *internet* e pela conexão móvel, levam também a procurar meios de envolver o telespectador ancoradas em outras possibilidades oferecidas pela tecnologia. Para Santaella (2007), a segunda tela valoriza o imediatismo, a ubiquidade e as possibilidades de convergência.

No final abril de 2015, o *Jornal Nacional* propôs modificar a postura dos apresentadores, orientando-os a comentar e a emitir “possíveis opiniões”, e a se expressarem corporalmente como no encerramento da primeira edição do novo formato (Figura 23):

Apresentador William Bonner – A dignidade, a grandeza, dessa grande atleta brasileira encerram com dignidade essa primeira edição do *Jornal Nacional* dos próximos 50 anos da Rede Globo. Essa é a primeira dos próximos 50. Agente termina aqui. Logo mais depois de tela quente tem o jornal da Globo. Boa noite.

Apresentadora Renata Vasconcelos - uma ótima noite pra você ate amanhã (*Jornal Nacional*, 27/04/2015)

FIGURA 23: Quebra do padrão, sorrisos; acenos e saída do cenário



Performance no encerramento do *Jornal Nacional* do dia 27 de abril de 2015.
Fonte: reprodução da TV

A utilização de elementos de proximidade e identificação está presente de forma marcante na prática jornalística, que busca aproximar o telespectador do programa e dos conteúdos que estão sendo apresentados. Mauro Wolf (2002) explica que a proximidade diz respeito ao envolvimento e interesse de quem faz e de quem assiste ao programa.

Elias Machado e Marcos Palácios (2003) ressaltam que, durante muitos anos, os sistemas convencionais de jornalismo priorizaram fontes oficiais e profissionais reconhecidos, o que possibilitava conquistar e preservar a credibilidade da notícia em razão do tom oficial e do conteúdo. No entanto, à medida que ocorriam as transformações tecnológicas digitais e sociais, ocorria também a descentralização do modelo clássico do fazer jornalístico e com isto ampliavam-se as disponibilidades de fontes, de pontos de acesso, mantendo-se, todavia e apesar disso, os critérios garantidores de confiabilidade.

A produção e a publicação jornalísticas passam por um momento de “desqualificação e requalificação” da credibilidade, confiabilidade e vínculo com o público. Com a inserção da emergência tecnológica e das alterações comportamentais, o *Jornal Nacional* busca outras possibilidades de acesso a informações e fontes. Sirva de exemplo o *link* com o Japão em que o repórter Marcio Gomes apresenta a forma nipônica

de se preparar para enfrentar desastres, (Figura 24)

FIGURA 24: A busca pela proximidade



Transmissão ao vivo do Japão com os jornalistas Renata Vasconcelos e Marcio Gomes
(*Jornal Nacional*, 27/04/2015)

Fonte: reprodução da TV

191

Essa estratégia de colocar o repórter e o apresentador no mesmo espaço em que se dá a transmissão ao vivo torna mais complexo o tempo presente e atualiza o fato nas redes de televisão. Amplia a experiência do ao vivo na TV, televisionando o global e o local produzindo, com isto, processos de hibridização entre múltiplos espaços virtuais.

A adoção dessa estratégia de construção de uma continuidade espaciotemporal resulta, por fim, em um efeito de maior proximidade entre o conteúdo enunciado e o próprio até de enunciação por meio do qual se diminui a distância entre o fato jornalístico e sua divulgação pelo telejornal. (FECHINE, 2008c, p. 3)

O modelo híbrido do *Jornal Nacional* tenta, com isto, romper o “padrão” tradicionalmente utilizado, em virtude do qual o comportamento dos apresentadores se relaciona a objetos contextualizados sobre os quais estão falando, não sendo apenas comentada oralmente, A notícia passa a ser “direta e simplificada” a fim de que todo o

público a entenda, tornando-se a linguagem “clara e simples”, o que não significa que ela não possa se revestir de riqueza e precisão vocabular.

O uso de estratégias como o apontar, ou o mostrar sobre o que se está falando, o caminhar e o aproximar-se daquele com quem se conversa são as alternativas apropriadas para criar vínculos mediante a apropriação das linguagens das redes sociais. Bruno Leal (2011) explica que uma das possibilidades de manter os telespectadores mais próximos é quando as

convenções narrativas e os valores a elas associados são postos em xeque, o jornalismo, em suas diversas modalidades, vem buscando a adesão do seu público de várias maneiras, de modo a se vincular ao mundo não apenas por seu status institucional de relator legítimo de fatos, mas também através de diferentes estratégias textuais que visam à construção da proximidade. (LEAL, 2011, p.114)

Isso pode ser realizado graças às variações dos enquadramentos e planos, nos quais os apresentadores desmistificam padrões, procedimento que exige uma melhor preparação deles, no que concerne à movimentação pelo cenário e à emissão de opinião, para apresentar o telejornal. Essas demandas requerem o estabelecimento de relações com as tecnologias emergentes, processo que dá a sensação de imediatismo, de suscitar emoção, de criar identidade e de assegurar fidelidade.

Entre as estratégias desconstrutivas usadas pelo *Jornal Nacional* estão as tentativas de aproximar-se do público com o emprego de uma linguagem coloquial, como recurso para uma comunicação mais eficaz, mais próxima com “grande parte da população”, na busca de atingir o telespectador imediatamente. Este aspecto informal de comunicação torna a linguagem do jornal mais leve, mais atraente e mais próximo da linguagem popular.

Dessa forma, a partir de 27 de abril de 2015, o *Jornal Nacional* passou a ser apresentado como um telejornalismo híbrido, desconstruindo-se a maneira de produzir e emitir conteúdos. Essas transformações e interconexões entre linguagens e comportamentos tiveram de enfrentar tentativas de desconstrução, o que buscou transformar os limites da voz e presença do telejornal com a intenção de produzir ressignificações. Mas, tais tentativas pouco interferiram no avanço do jornal rumo às emergências tecnológicas. Se por um lado o casal de apresentadores foi mantido, por

outro as notícias continuarem sendo lidas pelo teleprompter e mantiveram-se as mesmas divisões de bloco, além da linearidade das notícias, garantindo-se, no entanto, quase integralmente a mesma linha editorial.

1.2 Contaminação no *Jornal Nacional*

A convergência das mídias e as hibridizações na apresentação do *Jornal Nacional* objetivaram mudanças no processo de transmissão dos conteúdos jornalísticos, com a emergência de novas formas de comunicação que romperam padrões pré-estabelecidos, passando-se a oferecer novos contextos comunicacionais, e constituindo contaminações, pois

A ideia central da contaminação do vídeo diz respeito a compreender que o vídeo não pode ser considerado nessas manifestações como um produto acabado de linguagem, mas sim como um processo, em que as outras linguagens e seus reflexos coparticipam da experiência artística sem um estatuto hierárquico. Nos procedimentos de contaminação do vídeo, a sua linguagem é colocada em discussão a partir de outras linguagens, como uma convergência incessante de contrários, geradora de síntese e potencialidade poética. (MELLO, 2008, p. 139)

O novo sistema de televisão digital pôde, como consequência, proporcionar mais do que qualidade à imagem e som, oferecer multicanais, multiprogramação; mobilidade e portabilidade. O avanço da *internet* e o acesso a múltiplas telas, como vimos, ressignificam a presença e o comportamento dos apresentadores do *Jornal Nacional*. Com isso, o telejornalismo reconfigurou-se graças às possibilidades tecnológicas, as quais geraram impactos na produção, reportagem e apresentação dos programas.

Itanea Gomes (2008) aponta a corporalidade como efeito de uma relação entre a mídia e seus consumidores e diz que ela não se restringe à interpretação de uma mensagem, mas desperta percepção e sensibilidade e faz referência ao pensador Walter Benjamin, para o qual a comunicação cria novas maneiras de compreender o mundo, “uma nova sensibilidade, um novo raciocínio, mais estético, mais visual e sonoro, que implicam uma nova forma de percepção do mundo, característica da era audiovisual, ainda pouco compreendida” (GOMES, 2008). Com isto, cria-se a ilusão de proximidade

e afinidade com os profissionais que estão ali presentes.

Machado (2006) escreve: “uma vez enquadrada na coreografia do vídeo, a notícia perde sua vitalidade a passar a povoar (...) a normalidade de uma civilização que diz ser a nossa”. A presença do apresentador, assim como o seu comportamento vocal e corporal, são marcas de identidade dos profissionais na publicação dos conteúdos jornalísticos. A voz do jornalista compete com a notícia, fazendo com que a ilusão provocada transmita sentimento e a legitimidade dele e do telejornal, enquanto a presença dos profissionais constitui-se meio expressivo com sua postura corporal, gestos, expressões faciais, aparência física e vestuário.

O programa tentou reinventar-se recorrendo às tecnologias emergentes, mantendo ou refazendo o vínculo com seu público e usando linguagens intertextuais, cenário digital conectado e práticas performáticas. Cohen (2004, p. 96) ensina: “...à medida que se quebra o padrão anterior com a representação, com a ficção; abre-se espaço para o imprevisto e, portanto, para o vivo, pois a vida é sinônimo de imprevisto, de risco”. Uma vez modificado o comportamento dos apresentadores, os enquadramentos, sugerem uma alteração da fórmula, sem que as mudanças de formato e linguagem sofram reais transformações.

194

Essas transformações são perceptíveis aos telespectadores, é perceptível também informalidade dos textos que tornam a notícia “mais” acessível, aumentando, assim, a falsa sensação de proximidade. Os apresentadores assumem o papel de “*personas*”, “autoridade”, ao exercerem a atividade de editor do telejornal, trabalhando elementos de identificação com o público e dando-lhe a sensação de estar recebendo um visitante, uma personalidade ou autoridade, pois a presença do apresentador agrega *status* e importância ao seu espaço doméstico.

Embora procurem criar “proximidade” com o público, os apresentadores continuam centralizados, intocáveis, inatingíveis, não obstante tratar-se de uma manipulação pautada e hierarquizada. As mudanças não alteram a estrutura do telejornal, alteram apenas a forma de apresentá-lo.

As performances dos apresentadores Willian Bonner e Renata Vasconcellos podem ser uma maneira de alterar a percepção dando a impressão de que o noticiado é

verdadeiro e irrefutável. Isso, porém, é impossível: não existe contato com o telespectador, apenas uma falácia controlada pelos editores.

A jornalista Renata Vasconcellos (FIGURA 25) apresenta sinais de desconforto e pesar diante da situação das famílias de brasileiros que estão incomunicáveis no Nepal, por causa do desastre natural. Cabeça baixa, olhar direcionado para o “infinito”, lábios e bochechas apertados, tudo isso sinaliza os sentimentos que ela experimenta ao transmitir essa ocorrência, ao mesmo tempo que contamina todo o contexto, estreitando, dessa forma, os vínculos do telejornal com seu público. Se antes os apresentadores eram discretos em relação aos seus sentimentos, agora passaram a demonstrá-los performaticamente.

FIGURA 25: Performance - semblante de tristeza



A jornalista Renata Vasconcellos expressa sinais de tristeza em relação a matéria sobre o terremoto no Nepal (*Jornal Nacional*, 27/04/2015)

Fonte: reprodução da TV

Com o passar do tempo, os diferentes tipos de mídia tornaram-se lugares de representação e legitimação. O *Jornal Nacional* passou a ser arena de exibições e práticas de visibilidade alternativa, recurso que faz o público se reconhecer e sentir-se identificado na atitude dos apresentadores. A respeito disso Martin Barbero (2006) explica: “...pelas imagens passa uma construção visual do social, na qual essa visibilidade toma o deslocamento da luta pela representação da demanda de reconhecimento”.

A maneira de ter contato com os conteúdos jornalísticos é a pseudo-possibilidade de construir e compartilhar com a comunidade debates sobre a sociedade e aproximá-la

dos fatos, o que pode ser relativamente alterado com o uso da internet, pois esses podem ter acesso a conteúdos personalizados a qualquer hora e local.

A comunicação que se direciona rumo às novas possibilidades de acesso é contaminada pelo uso das tecnologias emergentes e pela busca de aproximação com o público, passando as pessoas a estar mais conectadas com a velocidade de inovações.

Todas estas transformações, que enriquecem a apresentação do *Jornal Nacional*, e o rápido desenvolvimento das tecnologias possibilitam o surgimento de novas dimensões de espaço e tempo, reforçando a “ideia” de uma identidade local e até global e dando às pessoas a sensação de onipresença, identificação e proximidade.

Essa dinamicidade dada ao *Jornal Nacional* passou a ser usada para dar a sensação de aproximação, em forma de uma ficção da realidade com o objetivo de captar a atenção do público, contaminando o “show” informativo recorre a valores socialmente sedimentados, mensagens de fácil reconhecimento e estereótipos.

Os processos de contaminação para a produção do telejornal são influenciados pela bancada, pelo enquadramento de câmeras e pelas movimentações pelo cenário. Juliana Gutmann (2012) entende que a bancada, entre eles, é um elemento que representa o enunciador, estabelecendo física e simbolicamente uma fronteira entre o que fala, ouve e vê. Os planos e movimentos de câmera, articulados ao texto verbal, funcionam como estratégias de comunicação e identificação com o público.

Ainda, historicamente, na linguagem audiovisual, o plano americano e o primeiro plano são os mais comuns e posicionam o apresentador em “frente” ao telespectador, numa postura de maior formalidade e distanciamento dos profissionais. Machado (2006) comenta que, com as inúmeras possibilidades de enquadramento, improvisação e intercâmbio de imagens das câmeras, o telejornal transforma a presença do jornalista em protagonista, em personagem. No entanto, a movimentação do apresentador já está pautada e esse processo torna as edições do telejornal um terreno da ficção. A maneira direcionada de construção do programa adota aspectos que representam o “real”, pois precisa despertar interesse e estimular a atenção do telespectador.

Contudo, após a mudança de 2015, o *Jornal Nacional* passou a contaminar suas edições com elementos que chamam atenção para se identificar com o público. Exemplo

são as novas formas de enquadramento dos apresentadores; nas quais as câmeras passaram a afastar-se e a se aproximar deles conforme a relevância do que está sendo dito, além de enquadrá-los aos movimentos de câmera, como *travelling* e o *zoom*² (FIGURA 26).

FIGURA 26: movimentação e enquadramentos das câmeras



Exemplo do posicionamento das câmeras em cenas da apresentação do *Jornal Nacional* de 27 de abril de 2015

Fonte: reprodução da TV

² Para Sebastiao Squirra (2004), dentre os dispositivos audiovisuais desenvolvidos no cinema e apropriados pela televisão, os mais importantes na prática telejornalística são os movimentos de câmeras. Estes são divididos em dois grupos: os mecânicos e os óticos. O *travelling*, pelo qual a câmera se desloca de um ponto a outro, está no primeiro grupo juntamente com a panorâmica. Outro tipo de deslocamento é possibilitado pelos movimentos óticos realizados com os jogos de lentes chamados de zoom, aproximação (zoom in) e afastamento (zoom out).

As movimentações e os enquadramentos das câmeras incorporam significados e direcionam sentidos para aquilo sobre o que o telejornal quer falar. Para Gutmann (2012), os enquadramentos das imagens suscitam a ideia de proximidade ou distanciamento, além de dar ênfase argumentativa à mensagem e ao primeiro plano³, que costuma ser explorado quando se procura chamar a atenção do público e torná-lo cúmplice, como recurso para conseguir ênfase argumentativa. O uso de alterar os movimentos de câmera e os planos de enquadramento como o *travelling* e o *zoom* são dispositivos de deslocamentos que passaram a marcar a apresentação do *Jornal Nacional*.

Maria Rita Kehl (2004, p. 43) diz: “A televisão é a mais espetacular tradução da indústria cultural”. O modo de chamar a atenção do público para a construção de suas notícias mediante a adoção de aspectos representativos da vida é o recurso que o Jornal usa para despertar o interesse e estimular a atenção do telespectador.

A contaminação pela performatização, pelas mudanças da voz e pela presença dos apresentadores está interligada aos enquadramentos e movimentações das câmeras; as quais buscam influenciar nas estratégias de convencimento, persuasão, proximidade e intimidade com o público.

1.3 Compartilhamento no *Jornal Nacional*

O compartilhamento representa a transformação de uma narrativa acabada para a construção dinâmica e interativa da mesma, e marca o cruzamento do produto audiovisual com as redes, na tentativa de ressignificação da linguagem, podendo, nesse caso, ser compreendido como meio de assumir informação, de legitimar e de reforçar algo, como apresentação do telejornal, contribuindo, assim, para reforçar a credibilidade e o vínculo do telespectador com o *Jornal Nacional*.

O compartilhamento do vídeo representa sua passagem de uma narrativa acabada para a construção dinâmica e interativa da narrativa. Esse compartilhamento marca a confluência do vídeo com o hipertexto e com as redes de comunicação. Tal fenômeno de ressignificação da linguagem é encontrado, por exemplo, nos circuito das web-câmeras,

³ Gutmann (2012). Primeiro plano: Distanciamento e formalidade entre as partes do diálogo de modo a demarcar autoridade do apresentador em relação ao enunciado.

que são concebidos como instrumentos de acesso indiscriminado a informação audiovisuais. (MELLO, 2008, p.196)

A evolução da produção audiovisual e da sua recepção, na era digital, está ligada ao compartilhamento, reconfigurando o padrão das linguagens. Isto pode ser observado no modo de apresentação do *Jornal Nacional*, em sua história. O foco deste trabalho, está, porém, no 27 de abril de 2015, data em que as linguagens da voz e a presença dos apresentadores passaram a fazer parte de uma nova lógica de compartilhamento, que está relacionado às transformações na produção, recepção e distribuição do telejornal; e pode ser percebido na opção por manter os estatutos representacionais e narrativos aliados a momentos de quebra dos padrões anteriores.

Os telejornais ocupam um espaço relevante na vida dos brasileiros, como fonte de informação. Os produtos jornalísticos encontram-se individualizados e, ao mesmo tempo, conectados através de múltiplos suportes. Com o passar dos anos e com a emergência tecnológica, o telejornal migrou para outras plataformas, facilitando o acesso aos conteúdos produzidos, podendo o contato com esses materiais ocorrer em qualquer hora e local.

Com isso, o compartilhamento transforma o processo de produção, gera alternativas de criação e questionamentos sobre o sistema clássico de produção do telejornal, embora, na conquista de audiência, ele passe a ser espetacularizado, ligado a uma vida real estereotipada e até sugerir uma realidade “alienada”. Estes recursos espetaculares, cuja finalidade é chamar a atenção do telespectador e conquistar audiência, o telejornal torna-se uma mercadoria e os telespectadores, consumidores.

Assim, surgem laços que não só unem o programa e o seus receptores, facultando que eles se reconheçam na tela, mas também fazem) que a televisão busque formas de manter a identidade como uma base fixa. E pelo fato do processo de mudança ser intermitente, o *Jornal Nacional* necessitou alterar seu modo de apresentação a fim de atrair o espectador e dar-lhe a sensação de estar fazendo parte do programa e os apresentadores, parte “da família”.

O fato dos apresentadores veicularem as notícias na televisão e nas redes sociais contribui para a sua identificação com o telespectador, pois quando emitem opiniões por expressões faciais ou quando tentam mostrar um estilo mais descontraído, eles revelam

situações, gostos e comportamentos particulares, passando

... a ser percebidos paulatinamente pelo público como alguém mais próximo e familiar, alguém de quem ele conhece até alguns aspectos da vida, das experiências, das opiniões e preferências pessoais. Pode, ainda, por outro lado, ser visto pelo telespectador como alguém capaz de defender seus interesses e manifestar suas posições, apto a expressar às autoridades, aos políticos ou a representante da sociedade civil aquilo que ele próprio gostaria de falar. (FECHINE, 2008b, p. 2)

A formatação do telejornal nos remete à construção de um mundo “real” convertido em imagens, tornadas reais. Para Kehl (2004), o poder de sedução de uma imagem espetacular realiza-se nas propriedades do fetiche, que possibilita a naturalização de uma relação social, constituindo-se isso o apagamento da história. O que está sendo apresentado causa tanto a sensação de encantamento, por estabelecer uma pseudo sensação de vínculo do telejornal com o público, quanto o sentido de identificação e confiabilidade com o telespectador.

Esta aproximação produz a sensação de que está sendo representada a vida real. Graças a ela os apresentadores buscam elementos de intimidade com o público; como a procura de soluções para problemas de saúde, as dificuldades com os problemas ambientais e sociais, além de imagens que mostram “a vida como ela é”.

200

Dessa maneira, os processos de redefinição de território sugerem uma resposta ao movimento do telejornal com a capacidade de proporcionar a ilusão de se estar no mundo, através da exibição de produtos marcados pelas “características culturais do acontece no Brasil e no mundo” a fim de que telespectador se sinta “em casa”, e também para representar, aproximar e/ou seduzir o telespectador com as imagens.

Com isso, sua presença remete à ideia de fazer parte da notícia, como ocorreu na última chamada interblocos, na qual a apresentadora Renata Vasconcelos diz: “no esporte uma super craque, o esporte brasileiro, se despede das quadras”. Ao dizer uma “super craque” a apresentadora emite um juízo de valor sobre a atleta, diz o que muitos telespectadores pensam ou querem que ela pense, e, assim, ela direciona o encerramento do telejornal para algo positivo, pois já foram apresentados muitos desastres naturais, políticos e sociais.

Essas ligações são traçadas junto aos enquadramentos daquilo que o *Jornal Nacional* busca representar ao realizar o compartilhamento das notícias, levando a

população a acompanhar os profissionais não só durante a apresentação do programa, pois estes passaram a apresentar sua “vida como um todo”, seu dia a dia, suas férias, suas dificuldades, enfim tudo o que pode acontecer com um cidadão. Essa perspectiva difere do perfil do jornalista como mero reproduzidor da realidade.

Essas estratégias de aproximação e vinculação dos jornalistas com a audiência direcionam à “conquista” da legitimação e credibilidade. Como marcas de contaminação da “pseudo-realidade”, os jornalistas passaram a apresentar aos telespectadores, autoridade, confiabilidade que lhes são atribuídas pelo telejornal. Com isso

buscar a emoção no rosto dos telespectadores é repetir naturalmente o que se faz numa conversação face a face. E em uma situação em que o rosto é o principal componente, já que o corpo não aparece inteiro na tela, essa busca se concentra e intensifica. [...] A emoção está presente na sutileza, no detalhe, e em tudo aquilo que está fora do vídeo, mas que pode ser resgatado conscientemente ou não quando se vê uma imagem mítica. (HAGEN, 2008a, p. 8)

Uma maneira de simular aproximação com o público (FIGURA 27) está sendo o uso da imagem dos apresentadores como pessoas comuns através dos meios digitais, o que pode ser verificado como a construção dinâmica na busca da proximidade e identificação do público com os profissionais do *Jornal Nacional*.

201

FIGURA 27: Expressões faciais no ambiente profissional e fora dele





Na primeira coluna cenas da exibição do Jornal Nacional (27/04/2015) Já na segunda são imagens publicadas no Instagram

Fonte:reprodução da TV e do Instagram

Assim, a linguagem do noticiário e a presença dos apresentadores nas redes sociais, com o objetivo de transferir ao conteúdo apresentado a credibilidade do enunciador e mostrar que os jornalistas “são gente como a gente”, ludibriam o telespectador com um discurso de imparcialidade atrelado a um efeito de realidade, o que se confunde com o real, pois são personagens que apresentam fatos reais, contaminando o que é apresentado. E assim

o discurso do telejornal constrói-se tomando como referência o mundo real, exterior à mídia; trata-se de uma meta-realidade, cujo regime de crença proposto é a veridicção. Assim, o que funda os telejornais e lhes confere legitimidade é o relato objetivo do real, do mundo exterior. Uma boa notícia, dizem, deve ficar o mais próximo possível do acontecimento, mantendo em relação a ele fidelidade, neutralidade, objetividade. É aí que entra em questão a verdade, pois a partir de um mesmo fato ou acontecimento, podem ser produzidos relatos bastante diferentes, todos verdadeiros, porque respeitam as fontes, mas todos

diversos, porque operam seleções, focalizações e montagens diferentes: a televisão não reflete o real, ela o conforma (DUARTE; CURVELLO, 2009, p. 69).

No processo de compartilhamento, as informações se constroem, se estruturam e influenciam a opinião pública. O telejornal possui estratégias de linguagem que buscam manter e/ou revitalizar a fidelidade, a identidade e a credibilidade da apresentação do programa. No *Jornal Nacional*, uma delas foi a mudança ocorrida em 27 de abril de 2015, na qual os profissionais passaram a valorizar a presença do corpo, andando pelo cenário, comunicando-se com o corpo e usando expressões faciais.

Além da inserção de mecanismos comunicacionais que transmitem a sensação de proximidade com o público, utilizando uma linguagem verbal próxima ao cotidiano dos brasileiros, como os termos “tá”, “oi”, “pra” e “a gente”. E ainda os apelidos “Maju” e “Carol”, que são abreviaturas dos nomes das jornalistas, atitude comum da população brasileira, como uso “carinhoso”.

Estas “alterações” na maneira de falar dos jornalistas apresentam estruturas típicas para compartilhar a intenção do telejornal em simular uma cena de interação face a face. Com isso o programa tenta aliar a linguagem corporal, a fala e elementos visuais na busca de apresentar um *Jornal Nacional* “menos engessado” e mais próximo de seu público, que é, todavia, o foco do olhar iludido e da falsa consciência de uma linguagem oficial.

No entanto, os interesses empresariais e as alterações de comportamento do público provocam uma hipotética e exacerbada transformação de sentimentos, pela tentativa de transformar a linguagem durante a apresentação do telejornal, dando a falsa ideia de proximidade, identidade, vínculo a “realidade” para garantir a metamorfose da produção e consumo do telejornal.

Considerações Finais - As mudanças que não mudaram!?

O *Jornal Nacional* é o programa jornalístico mais importante da Rede Globo, e é, normalmente, inserido na grade entre duas telenovelas; já passou por transformações técnicas e de linguagem. Tem apresentado um padrão narrativo e tecnológico, que busca consolidar a audiência nacional. E ainda mantém a supremacia nos telejornais que vão ao

ar no país, garantindo a hegemonia na produção de sentido sobre os eventos noticiados à grande parte da população.

Cenários, vestuários, presença nas redes sociais e até a forma de falar mudam, mantendo-se, porém, sua linha editorial e sua “parcialidade”. O telejornal segue a mesma fórmula rígida, a mesma tentativa de manutenção do padrão.

Em alguns períodos adotou novas formas de linguagem e implantou mecanismos na tentativa de estreitar contato com o público. As inovações no telejornal não significam necessariamente a descontinuidade dos padrões editoriais anteriores, embora transforme seus cenários, troque seus apresentadores e passe a utilizar equipamentos mais modernos ao longo de sua história.

Com os investimentos tecnológicos, alteram-se o cenário e a estrutura do programa, com maciça campanha de divulgação, na qual detalhes de videografismos são ditos e valorizados com o peso de uma “mudança revolucionária”. “revolução midiática”.

Em cada um desses momentos, surge uma linguagem mais complexa, na tentativa de acompanhar as necessidades comerciais e de audiência e de manter a credibilidade e fidedignidade do telejornal, que com todas as mudanças ocorridas em sua história estrutural, de linguagem e formato, mantém as características do início do programa.

A bancada é um elemento acolhedor para os apresentadores e telespectadores do telejornal; nela encontra-se um espaço “sagrado”, elemento centralizador do cenário. Os conteúdos jornalísticos são anunciados sobre esse móvel e as câmeras se movimentam em direção à mesa que representa o telespectador indo se sentar em frente aos profissionais, que contam os fatos importantes do Brasil e do mundo.

Contudo as tecnologias emergentes e a linguagem da *internet* apontam para a necessidade de dinamizar a apresentação do *Jornal Nacional*, que permanecia estática. Porém a adição da performance na apresentação do telejornal ainda mantém o foco no uso da voz institucional da Rede Globo, além da incorporação das redes sociais que produzem a sensação da onipresença do programa, mesmo com conteúdos e informações da vida pessoal dos profissionais.

Desta maneira, o perfil do telejornalismo modifica-se fundamentado nas

características culturais em que está inserido, reconfigurando a apresentação, ligado às novas interfaces que buscam ressignificar a presença dos apresentadores.

O *Jornal Nacional* se caracteriza por um estratégico distanciamento dos apresentadores e repórteres na enunciação dos acontecimentos, ancorado pelos princípios de objetividade e parcialidade dos discursos jornalísticos e amparado por significativos recursos tecnológicos e financeiros. A voz age sob um olhar oficioso da realidade, além de sugerir vínculo, fidelidade e identidade com o público nos discursos do programa.

Assim, o apresentador é marcado por característica estereotípicas da posição profissional. E a partir de 27 de abril de 2015, o *Jornal Nacional* rompe com padrões de movimento corporal. Afirma Norval Baitello (1998), “todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo” a quebra de padrão na presença do corpo do apresentador faz com que nos espelhamos no texto de Arlindo Machado “Aqui, Acola, Alhures: Dez anos de Cid Moreira” em que comenta sobre a postura de Cid Moreira na apresentação do telejornal.

Ao encerrar o *Jornal Nacional*, o apresentador assina papéis nos quais talvez esteja o texto que leu e avaliza o que foi dito, reforçando, com gesto simbólico, o carisma e a respeitabilidade com que apresentou o telejornal. Portanto os apresentadores atuais do *Jornal Nacional* também se inspiram na postura de Cid Moreira ao encerrar o telejornal e saírem da bancada.

Ao ouvirmos Willian Bonner e Renata Vasconcelos despedindo-se “da primeira edição do *Jornal Nacional* dos próximos 50 anos da Rede Globo”, Bonner e Vasconcelos levantam-se da bancada e seguem em direção à câmera aproximando-se da câmera como se estivessem saindo do enquadramento tradicional enquanto os créditos sobem em primeiro plano. Os apresentadores saem conversando na tentativa de demonstrar descontração, saem de um cômodo e entram em outro da casa. Esta performance é uma tentativa de firmar a credibilidade do telejornal: ao sair do seu “altar” é um gesto simbólico que procura reforçar o seu carisma, sua identificação com o público, “somos iguais aos espectadores que nos assistem”.

Na realidade, a performance dos apresentadores com o ato de levantar da bancada e sair de cena é uma tentativa de “humanizar” a apresentação do telejornal. Além

do levantar, recorrem a gestos, fisionomia, movimentos de corpo, tom de voz, entrada e saída e todos os demais detalhes que garantem o *mise-en-scene*. No entanto, aparentam espontaneidade e inocência; porém, as performances, a improvisação e a descontração da linguagem do telejornal já foram pensadas, discutidas e estão presentes no *script*, com exceções.

A essas marcas no *script*, segundo Moreira (2006), a Globo dá um golpe de capoeira abrindo mil possibilidades de improvisação e acaso no intercâmbio das imagens das câmeras. Para o telejornalismo, seria complicado multiplicar os ângulos de tomada, uma vez que a pluralidade de enquadramentos entra em conflito com a câmera. A menos, que o tenha marcas no *script*, com isso transforma-se a articulação da movimentação dos apresentadores em um terreno de ficção e performance.

Tais posturas, consideradas informais e leves, assumidas pelo telejornal, são permitidas pelos dispositivos tecnológicos. A reconfiguração do jornal não foge a um conjunto de regras de controle do que deve ser dito e de como deve ser dito através da postura dos apresentadores em frente à câmera. Entendem-se essas regras como convenções, determinadas por normas que definem o que é permitido e o que não é permitido. Essa “liberdade” ou não-liberdade do jornalista é definida e controlada por um conjunto de poderes muitas vezes invisíveis, como o que ocorre com gerentes em agências bancárias e lojas de departamentos, com operadores do mercado financeiro e com diretores e professores das escolas; que rezam na cartilha de seus contratantes. Mesmo nessas situações de aparente informalidade, é possível verificar que a maioria das perguntas e/ou comentários são previamente combinados e acertados pela equipe de produção do telejornal assim como nas outras áreas.

A reestruturação na forma de apresentar e dispor ao público as notícias está, portanto, mais alinhada a recursos tecnológicos, mas sem a perda da essência do formato que fidelizou o público ao longo dos anos e é reforçado pelo padrão estético da emissora, por questões seguramente comerciais e financeiras.

Com isso, os impactos da chegada dos novos meios de comunicação não apenas interferiram na mudança da estrutura do formato e linguagem do telejornal, mas também o forçaram a expandir seu conteúdo para alcançar os telespectadores perdidos e conquistar

um novo público capaz de acompanhar o *Jornal Nacional* tanto pela TV, quanto pela internet com as interações das redes sociais.

Jesús Martin-Barbero (2001) comenta que a tentativa de reconquistar o público perdido repercute na forma de perceber as informações, pois, ao transformarem-se as formas de contato com a comunicação, modifica-se a maneira de compreender o público. Partindo desse conceito, o telespectador tem, atualmente, contato com outros dispositivos de comunicação, o que lhe permite ter acesso a dados em qualquer hora e lugar, dando-lhe a sensação de que a vida dos profissionais da tv "é a tv" e que seus momentos de lazer se confundem com os de trabalho. Isto é razão para o telespectador acabar estreitando fortes vínculos com o programa e com quem o executa.

O telejornal também teve que se reinventar e construir novas possibilidades de compartilhamento dos seus conteúdos, para facultar ao público acesso às informações do programa, as quais, entretanto, dispõem de inúmeras fontes de acesso ao *Jornal Nacional*, muito semelhantes umas das outras com discretas distinções entre os meios.

Com isso, as novas mídias têm levado a reorganização dos telejornais para atuarem de maneira mais dinâmica, com capacidade para lidar com uma audiência de comportamento nômade e inserida em um ambiente de convergência, marcado pelas múltiplas telas de acesso à informação. A inserção das mídias digitais tem provocado modificações na edição do telejornal, alterando também a atitude dos apresentadores e mesmo do público, que acompanha a "vida pessoal" dos profissionais, que se apresentam como "pessoas comuns".

As inovações do *Jornal Nacional* aparecem mais na forma da abordagem, do que no conteúdo; há inovação na linguagem e uma tentativa de modificação na forma, mantendo, todavia, os padrões do telejornal desde seu início e não se desfazendo de um modelo aceito e consagrado. Assim, observa-se que as inovações no telejornalismo são resultado da emergência tecnológica e do processo de alteração comportamental dos apresentadores, os quais se tornam mais performáticos.

Estas transformações são graduais, pensadas, testadas e discutidas, pois, como é um dos principais produtos da rede, o programa não é um lugar de testagem, só recebe alterações consagradas, que o mercado aceite e sejam capazes de fidelizar o público

aproximando-o e vinculando-o.

O programa é uma linearização dos sentidos, uma regulação dos significados daquilo que acontece e quem impõe uma validade para sua tradução dos fenômenos; ainda a voz e a presença dos apresentadores constroem os significados dos produtos, nos quais reconfiguram a maneira de recepção nas múltiplas telas.

Vinculado a essas ideias, o telejornal pode ser visto como “um objeto híbrido, fundamentalmente impuro, de identidades múltiplas, que tende a se dissolver camaleonicamente em outros objetos ou a incorporar seus modos de constituição” (MACHADO, 1996, p. 46).

Com isso, as formas de apresentar as notícias dão a entender que a intenção editorial é sugerir “como a população deve pensar e se portar”: a presença de uma cor no fundo do vídeo, a roupa que o apresentador usa e os movimentos de câmera dão significados a todos os demais elementos. O uso de recursos de edição e os enquadramentos fazem com que os signos ali presentes ganhem outros significados que modificam as noções de compreensão do tempo e do espaço.

Contudo, a desconstrução pode analisar a tentativa de desmontar o estereótipo do *Jornal Nacional* e ressignificá-lo na busca de expansão de seus limites. Esse raciocínio pretende consolidar a realidade das experiências adquiridas e implantadas pelo programa. A contaminação é um procedimento poético que se relaciona com as “misturas” potencializadas pelos contágios da inserção das redes sociais, emergências tecnológicas e alterações comportamentais dos apresentadores. Nela, os significados não se dispersam, nem se diluem, mas afetam e contaminam a voz e a presença dos apresentadores no *Jornal Nacional*.

Já, o compartilhamento é a ponta mais extrema e descentralizada, na qual os pontos são desconstruídos e contaminados. Ele, o compartilhamento, é um agenciador da proliferação de significados. Isso se observa na inserção das múltiplas telas e na sensação de proximidade, identidade e vínculo percebida pelo programa e pelos jornalistas que estão presentes nas telas dos espectadores.

Embora nada seja como antes, após as inserções tecnológicas, as modificações presenciais e de voz que ocorrem no *Jornal Nacional* permitem deduzir que as

reformulações da linguagem são tentativas de simular a interação do programa com o público.

Com isso, a voz e a presença dos apresentadores criam uma rede de interações e ocupam posição central na tela, desconstruindo o padrão “formal” de apresentação, contaminando o modo de produção e transmissão da notícia e compartilhando as múltiplas telas inter-relacionadas das práticas jornalísticas. O telejornal busca produzir uma linearização dos sentidos, uma regularização dos significados daquilo que acontece e dá validade aos fatos. O programa tentou reinventar-se recorrendo às tecnologias emergentes, mantendo ou refazendo o vínculo com seu público e usando linguagens intertextuais, cenário digital conectado e práticas performáticas.

Estas transformações objetivam construir outros significados, mas não mudam a essência do produto que é reconfigurado em outros meios ou plataformas convergentes. As mudanças da voz e da presença dos apresentadores está interligada aos enquadramentos e movimentações das câmeras; as quais buscam influenciar nas estratégias de convencimento, persuasão, proximidade e intimidade com o público.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. Comunicação, Mídia e Cultura. **São Paulo em perspectiva**, v. 12, n. 4, 1998.

COHEN, Renato. **Performance como Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

DUARTE, Elizabeth B; CURVELLO, Vanessa. TELEJORNALIS: quem dá o tom?. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org). Televisão e realidade. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em < <http://books.scielo.org/id/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806-05.pdf>>. Acesso em 27 abr 2016.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores do telejornal: a construção do ethos. **Revista Famecos**. Porto Alegre, n. 36, 2008.

_____. A nova retórica dos telejornais: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: São Paulo, 2008.

GOMES, Itanea. M. M. **O Embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico.** In: CASTRO, Maria Lília Dias e DUARTE, Elizabeth Bastos. Em Torno das Mídias: Práticas e Ambiências. Porto Alegre: Editora Sulina, p. 96 -112, 2008.

GUTMANN, Juliana Freire. O que Dizem os Enquadramentos de Câmera no Telejornal de Rede Brasileiro? Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, 2012. **Anais...** Fortaleza: Unifor, 2012. Disponível em: < <http://intercom.org.br> > Acesso em: 15 fev 2016.

HAGEN, Sean. A emoção como complemento à objetividade na imagem dos apresentadores de telejornal: uma análise do processo de fidelização do telespectador. GT Estudos de Jornalismo. **Anais...** XVII Encontro da Compós (CD'ROM). São Paulo, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O espetáculo como meio de subjetivação.** In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. Videologias: ensaios sobre a televisão. São Paulo: Bomtempo, 2004.

LEAL, Bruno Souza. **As estéticas do jornalismo em transformação: perspectivas de pesquisa em comunicação.** In: SILVA, Gislene; KUNSCH, Dimas; ALBUQUERQUE, Afonso; BERGER, Christa (org.). Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas. Salvador: EDUFBA, 2011.

MACHADO, Arlindo. Os gêneros televisuais e o diálogo. Razón y Palabra. *Revista Eletrônica em America Latina. Médio Audiovisuales*, n.16, v.4, nov. 1999 – jan 2000. Disponível em: <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n16>>. Acesso em 29 ago. 2017.

_____. Aqui Acolá Alhures Dez anos de Cid Moreira In: MACHADO, Arlindo. **Anos de chumbo:** Mídia, poética e ideologia no período de resistência ao autoritarismo militar (1968-1985). Porto Alegre: Sulina, 2006.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. **Modelos de jornalismo digital.** Salvador: Calandra, 2003.

MELLO, Christine. Extremidades do vídeo: o vídeo na cultura digital. **Conexão (UCS).** Caxias do Sul, v.3, p. 17-34, 2004.

_____. **Extremidades do vídeo.** São Paulo: Editora Senac, 2008.

_____. **Extremidades:** leituras entre arte, comunicação e experiência contemporânea. In: Arantes, Priscila; Prado, Gilberto; Tavares, Monica. (Org.). *Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa.* São Paulo: ECA/USP, 2016, p. 120-135.

_____. **Extremidades:** experimentos críticos – redes audiovisuais, cinema, performance, arte contemporânea. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **A Ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade.** São Paulo: Paulus, 2010.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender Telejornalismo:** Produção e Técnica. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

TAVARES, W. M. L. **Implantação da Televisão Digital no Brasil**. Estudo Setembro/2001. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/a-camara/documentos-e-pesquisa/estudos-e-notas-tecnicas/arquivos-pdf/pdf/108553.pdf>>. Acesso em: 25 mar 2018.

VARGAS, Heidy. “A bancada do *Jornal Nacional* já não é mais a mesma: reflexões acerca da mise-en-scène na apresentação”. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais..** Rio de Janeiro: URFJ, 2015. Disponível em: <<http://intercom.org.br>> Acesso em: 08 set 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 2002.